INVESTIGAÇÃO EDITORIAL

THE RONALDO EFFECT

Reputação. Poder. O futuro de uma instituição.

Cinco capítulos sobre o valor de um ícone e a responsabilidade de quem gere a relação.

01 O contrato que ninguém escreveu

02 Oslo e Copenhaga

03 Quem segue quem?

04 O valor comercial

05 A sucessão

Andreia Pinto

Majlis Consultancy · Edição digital gratuita

NOTA EDITORIAL

O que fica da relação?

Esta investigação começou com uma pergunta sobre um plano de jogo e acabou numa pergunta sobre uma instituição. Pelo meio, tentei separar o que foi dito, o que ficou documentado e o que os números deixam concluir. O valor de Cristiano Ronaldo não se resume aos minutos que joga. Mas também não lhe compra uma decisão técnica, nem dispensa a Federação de preparar o futuro.

Andreia Pinto

Porque começámos

Em setembro de 2026, uma decisão sobre minutos de jogo, em Oslo, transformou-se numa crise entre o capitão e a Seleção. A discussão ficou presa a quem tinha razão. A pergunta que me interessou foi outra: o que existe entre um ícone e a instituição que o acolhe há mais de vinte anos, e que ninguém escreveu?

Chamei-lhe o contrato invisível. Cada capítulo procura as cláusulas desse contrato num sítio diferente: nas decisões do treinador, nas versões que se contradizem, nas redes sociais, nos patrocínios e, no fim, na sucessão. A cada passo, a Majlis apresenta o que lhe parece certo fazer. O método vem do caso, mas serve para qualquer clube com uma figura maior do que o próprio balneário.

DECLARADO

O que alguém disse, e a quem o atribuo.

DOCUMENTADO

O que um acórdão, um comunicado ou uma série de dados permitem confirmar.

INTERPRETAÇÃO

A leitura da Majlis, assinalada sempre como tal.

Como ler o dossiê

Cada capítulo foi escrito numa data e mantém essa data de fecho e as fontes dessa altura. Quando um texto diz que algo ainda não era público, deve ler-se à luz dessa data. O capítulo 5 fecha a 6 de novembro, com a convocatória já divulgada e depois da conferência de imprensa do selecionador. Ao longo do dossiê, três coisas aparecem sempre separadas: o que alguém declarou, o que está comprovado e o que é interpretação minha. E um número de seguidores nunca é tratado como voto nem como receita.

«Se havia um plano combinado, o que o fez falhar em Oslo?»

A PERGUNTA QUE ABRIU O DOSSIÊ · CAPÍTULO 1

ÍNDICE

01 **O contrato que ninguém escreveu** p. 4
A hipótese: os precedentes acabam por funcionar como cláusulas.

02 **Oslo e Copenhaga. A cláusula que mudou?** p. 7
Oito pontos, uma conferência de imprensa e duas versões.

03 **Quem segue quem?** p. 10
A Seleção perdeu 2,25 milhões de seguidores. Seguir não é dar razão.

04 **O valor comercial** p. 13
O que está escrito, e o que não está, nos contratos.

05 **A sucessão** p. 16
A despedida, o acórdão e o que ainda ninguém escreveu.

Cronologia do caso

9 jul.	FACTO DOCUMENTADO	A Federação nomeia Jorge Jesus selecionador.
27 set.	FACTO E VERSÃO DE JESUS	Oslo: Portugal vence a Noruega por 2–1. Ronaldo é mandado aquecer e não entra. Jesus diz que tinha combinado com ele que não jogaria.
30 set.	FACTO DOCUMENTADO	Ronaldo sai do estágio, antes do treino oficial em Copenhaga.
6 out.	DECLARAÇÃO DE RONALDO	Publica uma nota de oito pontos e pede para ser punido.
9–10 out.	DECISÃO DA FPF	O Conselho de Disciplina abre o processo e aplica a suspensão preventiva.
19 out.	DECISÃO DA FPF	Acórdão: 30 dias de suspensão e 255 € de multa, com 19 dias já cumpridos.
5 nov.	FACTO CONFIRMADO	Ronaldo anuncia a saída da Seleção. A FIFA confirma 234 jogos e 146 golos.
6 nov.	LISTA E DECLARAÇÃO	Jesus anuncia 28 convocados, sem Ronaldo. Diz que só soube da decisão a 5 de novembro e que a braçadeira segue a ordem de internacionalizações.

Datas e fontes de cada entrada nas notas dos capítulos. O jogo de Oslo foi a 27 de setembro, segundo a cobertura da RTP. Os capítulos mantêm as datas de fecho originais: 5, 8, 11 e 19 de outubro e 6 de novembro.

THE RONALDO EFFECT · CAPÍTULO 1

O contrato que ninguém escreveu

Jorge Jesus diz que combinou com Cristiano Ronaldo que ele não jogaria em Oslo. A meio do jogo mandou-o aquecer e não o pôs em campo. Três dias depois, o capitão saiu do estágio da Seleção. O que ficou por esclarecer entre os dois?

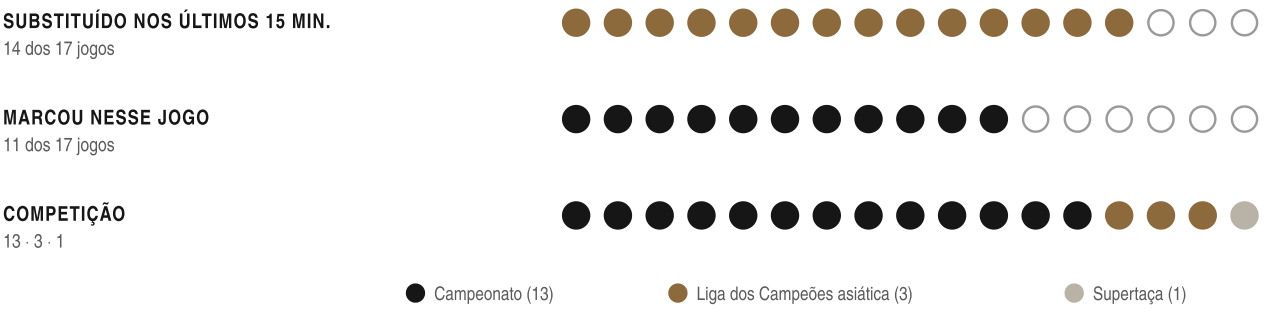
Por **Andreia Pinto** · Dubai, 5 de outubro de 2026

No Al-Nassr, Jesus tirou Cristiano Ronaldo do campo 17 vezes numa só época. Catorze dessas substituições aconteceram nos últimos quinze minutos e Ronaldo marcou em onze desses dezassete jogos. No fim, foram campeões juntos.[1,2]

Em Oslo, segundo o próprio Jesus, o plano era outro: Ronaldo não jogaria. O treinador mandou-o aquecer a meio do jogo e acabou por não o pôr em campo. Sair aos 80 minutos depois de marcar não é o mesmo que passar um jogo inteiro entre o banco e o aquecimento. Ainda assim, a diferença de minutos não chega para explicar que o capitão deixe o estágio.

A minha hipótese é outra. Quando um ícone e uma instituição passam muitos anos juntos, os precedentes acabam por funcionar como cláusulas. Ninguém as escreve, mas as duas partes agem como se existissem. Chamo-lhe o contrato invisível, e neste capítulo procuro as cláusulas que o registo público deixa ver.

FIGURA · AS 17 SUBSTITUIÇÕES DE RONALDO COM JESUS NO AL-NASSR, 2025/26



Contagem jogo a jogo da Lusa, publicada pela RTP a 10 de julho de 2026. Os pontos mostram quantos dos 17 jogos cumprem cada critério e não identificam jogos concretos. Na apresentação como selecionador, Jesus falou em 16 substituições só no campeonato, e a Lusa conta 13. Gráfico desenhado pela Majlis. [2, 12]

Vinte e três anos de influência

Ronaldo estreou-se pela Seleção A frente ao Cazaquistão, a 20 de agosto de 2003. No fim de setembro de 2026, a UEFA contava 234 internacionalizações e 146 golos, dois recordes mundiais no futebol masculino de seleções.[3,4]

Foi capitão no EURO 2016, melhor marcador da fase final da primeira Liga das Nações, em 2019, e marcou o empate na final de 2025, frente a Espanha, aos 40 anos. Em 2026 tornou-se o primeiro jogador a marcar em seis Mundiais.[5,6,7,8]

Os títulos são das equipas: Éder marcou em 2016, Gonçalo Guedes em 2019 e Rúben Neves converteu o último penálti em 2025. Mas cada uma dessas noites reforçou a mesma ideia, a de que as grandes noites de Portugal passam por Ronaldo. É assim que nascem as cláusulas não escritas.

O selecionador escolhe a equipa e a Federação escolhe o selecionador. Essa hierarquia está nos regulamentos. O peso de 23 anos de Seleção não está.

A braçadeira

Ronaldo é capitão de Portugal há mais de quinze anos. A braçadeira é uma função formal, mas o que se espera de quem a usa há tanto tempo já não é. Um capitão com este percurso espera ser ouvido antes de perder o lugar? O registo público não responde.

O lugar na equipa

No Mundial de 2022, Ronaldo reagiu mal a ser substituído frente à Coreia do Sul. Fernando Santos foi direto: «Não gostei mesmo nada.» No jogo seguinte, com a Suíça, deixou-o fora do onze. Portugal ganhou 6–1, Gonçalo Ramos fez três golos e Ronaldo entrou aos 73 minutos.[9]

A imprensa noticiou que o capitão tinha ameaçado sair da comitiva e a FPF desmentiu.[10] Santos voltou a deixá-lo no banco frente a Marrocos, Portugal foi eliminado e o selecionador saiu. Com Roberto Martínez, Ronaldo manteve a braçadeira e voltou a ser titular.

Da última vez que um selecionador mexeu nesta cláusula, o seguinte repô-la. Não sei se a Federação tirou alguma lição do Qatar.

A despedida

Em novembro de 2025, Ronaldo disse que o Mundial de 2026 seria o último. Não disse qual seria o seu último jogo pela Seleção. Depois do Mundial continuou disponível e foi convocado em setembro. Quem propôs a continuidade, e em que termos, não é público. Interessa saber, porque mostra quem tem o direito de decidir quando a história acaba.[11]

A relação com Jesus

Jesus não chegou à Seleção como um desconhecido. Treinou Ronaldo no Al-Nassr e, em maio de 2026, deu ao clube o primeiro campeonato em sete anos. Depois do título, explicou que só aceitara o cargo porque dissera a Ronaldo que o ajudaria a ser campeão. A Federação nomeou-o a 9 de julho.[1,13]

Nessa época, segundo a contagem jogo a jogo da Lusa, Jesus substituiu-o 17 vezes: 13 no campeonato, 3 na Liga dos Campeões Asiática e 1 na Supertaça. Houve ainda um jogo em que Ronaldo ficou no banco sem entrar. Na apresentação como selecionador, Jesus falou em 16 substituições no campeonato. Os números não coincidem, por isso atribuo cada um à sua fonte.[2,12]

O que mudou entre Riade e Oslo

A 10 de julho, na apresentação, Jesus falou de Ronaldo assim:

> *«Quando tiver de tomar alguma decisão, vou falar com ele. Mas não só com ele, vou falar com todos individualmente.»*
>
> JORGE JESUS, 10 DE JULHO DE 2026

A 30 de setembro, na antevisão do jogo com a Dinamarca, contou a sua versão de Oslo. A conversa, diz ele, aconteceu antes: «Eu disse ao Cris que ele não ia jogar estes dois jogos.» Noutra passagem, falou de um plano «traçado comigo e com ele». Depois veio a mudança: «Pensei durante o jogo se calhar vou precisar e vai aquecer.»[14,15]

Admitiu que o pôs «a aquecer mais tempo do que devia» e que foi aí que Ronaldo «ficou zangado». Garantiu que, depois do jantar, «já tínhamos resolvido o problema que não era problema». E deixou uma frase que não precisava de dizer:[14,15]

> *«Nunca nenhum jogador vai mudar as minhas ideias. Nem ele nem ninguém no futebol. Nem nenhum presidente.»*
>
> JORGE JESUS, 30 DE SETEMBRO DE 2026

Horas depois, Ronaldo saiu do estágio. Na mensagem que publicou, escreveu: «A seu tempo direi a verdade a todos os portugueses.» E desejou sorte aos companheiros, «sem exceção».[16]

Se a versão de Jesus estiver certa, houve conversa e houve plano. A meio do jogo, o treinador considerou utilizar Ronaldo, que, segundo Jesus, se disponibilizou para entrar. Mandou-o aquecer, mas acabou por não o pôr a jogar. Uma expectativa pode criar-se e desfazer-se em minutos. Mas esta é a versão de uma das partes, porque Ronaldo ainda não apresentou publicamente a sua.

O Al-Nassr ajuda a perceber o resto. Num clube há jogos todas as semanas e uma decisão corrige-se no fim de semana seguinte. Numa concentração há dois ou três jogos, o país inteiro a ver e um capitão de 41 anos que já anunciou o seu último Mundial. O mesmo banco pesa de outra forma.

A LEITURA DA MAJLIS

Qualquer exceção que se dá a um ícone durante tempo suficiente acaba por virar regra. Ninguém a vota. Deixa simplesmente de ser questionada.

Isto não é uma crítica a Ronaldo nem à Federação. É assim que funcionam as relações longas, no futebol e fora dele. O problema aparece quando ninguém sabe que regras são essas. Um treinador pode tomar uma decisão desportivamente certa e, mesmo assim, abrir uma crise, porque mexeu em algo que ninguém lhe disse que existia.

Três perguntas que qualquer clube com um ícone devia fazer antes de uma decisão difícil:

1. Que exceções e hábitos se criaram à volta desta pessoa? Em que decisões passou a ser normal ouvi-la?
2. O que acha o jogador que foi combinado? E o treinador? E a direção? Onde é que as versões não batem certo, e quem decide?
3. Que decisões podem mudar o papel desta pessoa, do tempo de jogo à braçadeira e à despedida? Quem tem cada conversa, e por que ordem?

É o ponto de partida do método que a Majlis vai construindo ao longo desta série. Os capítulos seguintes põem-no à prova com o caso de setembro, com casos parecidos noutros clubes e com a reação dos adeptos.

Se havia um plano combinado, o que o fez falhar em Oslo? É por aí que começa o próximo capítulo. ■

PRÓXIMO CAPÍTULO · **Oslo e Copenhaga. A cláusula que mudou?**

Andreia Pinto *é fundadora da Majlis Consultancy, no Dubai, onde trabalha reputação, posicionamento e desenvolvimento de negócio no futebol, entre a Europa e o Golfo. Foi jornalista. A Majlis não participou nos acontecimentos analisados. O contrato invisível é uma hipótese de investigação, não um acordo comprovado entre Cristiano Ronaldo e a Federação Portuguesa de Futebol. Data de fecho: 5 de outubro de 2026.*

NOTAS E FONTES

1 Saudi Pro League, declarações após o título do Al-Nassr
2 RTP / Lusa, as 17 substituições com Jesus (10 jul. 2026)
3 UEFA, recordes internacionais de Cristiano Ronaldo (29 set. 2026)
4 UEFA, estreia frente ao Cazaquistão (20 ago. 2003)
5 UEFA, final do EURO 2016
6 UEFA, Liga das Nações 2018/19
7 UEFA, final da Liga das Nações 2025
8 RTP, golos em seis Mundiais (2026)
9 Record, Fernando Santos sobre a reação de Cristiano Ronaldo (2022)
10 Al Jazeera, FPF desmente ameaça de abandono (2022)
11 Soccerway, Cristiano Ronaldo confirma o último Mundial (nov. 2025)
12 A Bola, Jesus na apresentação como selecionador (10 jul. 2026)
13 ECO, nomeação de Jorge Jesus (9 jul. 2026)
14 A Bola, «Nunca nenhum jogador vai mudar as minhas ideias» (30 set. 2026)
15 A Bola, Jorge Jesus sobre Cristiano Ronaldo (30 set. 2026)
16 RTP, Cristiano Ronaldo confirma saída do estágio (30 set. 2026)

THE RONALDO EFFECT · CAPÍTULO 2

Oslo e Copenhaga. A cláusula que mudou?

Segundo Ronaldo, o acordo coube em oito pontos. No dia seguinte, Jesus disse parte. E acrescentou o resto.

Por **Andreia Pinto** · Dubai, outubro de 2026

No primeiro capítulo, chamei-lhe o contrato que ninguém escreveu. A 6 de outubro, Cristiano Ronaldo contou que, afinal, alguém o escreveu.[1,2]

Segundo ele, dois dias depois de Oslo houve uma reunião com Jorge Jesus e Simão Coutinho, diretor desportivo do Al-Nassr. Dessa reunião saiu uma nota de oito pontos que devia orientar a abertura da conferência seguinte. Ronaldo diz que validou o texto e que este foi entregue a Jesus. Nenhum dos outros intervenientes confirmou, até agora, a existência ou o conteúdo do documento.

Este capítulo compara essa nota com o que Jesus disse a 30 de setembro. Não decide quem tem razão. Procura o ponto exato onde as duas versões coincidem e onde se separam.

Antes de Oslo

As duas partes concordam que havia um plano. Ronaldo situa-o num encontro na Cidade do Futebol, em agosto, com Simão Coutinho presente: «Apresentou-me, logo ali, um plano para a minha participação.» Segundo ele, jogaria o primeiro e o último jogo do estágio. Jesus terá ainda sugerido que não viajasse para a Noruega e para a Dinamarca. Ronaldo diz que recusou, por ser o capitão.[1]

Jesus confirmou o essencial a 30 de setembro: «É verdade que eu combinei isso com ele, criámos um plano como com o Bruno Fernandes.»[3]

O comunicado acrescenta um dado sobre a origem desta relação. Depois do Mundial, no voo de regresso dos Estados Unidos, o presidente da Federação «pediu e insistiu que eu ponderasse a decisão de sair porque a FPF queria que eu continuasse». Segundo Ronaldo, pediu-lhe também a opinião sobre o nome do futuro selecionador. Respondeu que Jesus seria a escolha certa.[1]

A 23 de setembro, no Portugal Football Summit, Ronaldo falou em público do seu tempo de jogo: «Tenho a certeza absoluta de que não vou jogar os 90 minutos em todos os jogos.» E deixou uma condição: «Se o mister ou o presidente não contarem comigo, eu posso sair já hoje.»[4] No dia seguinte, foi titular contra o País de Gales e foi substituído. No comunicado, diz que não fez caso.[5,1]

Oslo: o plano muda no dia do jogo

A versão de Ronaldo: «À hora de almoço do dia do jogo na Noruega um adjunto do selecionador veio à mesa onde o grupo estava a almoçar.» E depois: «Para minha absoluta surpresa, o selecionador perguntou-me se estava bem para jogar 30 minutos.» Diz que aceitou e que Jesus lhe pediu para estar pronto: «Aqueci desde o intervalo, vi os minutos a passar e não fui chamado.»[1]

A versão de Jesus: «tinha combinado com ele que não jogava estes dois jogos, mas se calhar ia precisar dele nos últimos minutos.» E a frase que diz ter usado: «Se precisar de ti 30 minutos vais jogar, se não, não vais jogar.»[3]

Os dois falam em 30 minutos. A diferença está numa palavra: «se». Para Jesus, era uma possibilidade. Para Ronaldo, foi um compromisso. Jesus admitiu um erro: «Isso foi o que fiz mal, devia tê-lo metido a aquecer uns 15 minutos mais tarde.»[3] Ronaldo admitiu outro: não ter ido cumprimentar os adeptos no fim do jogo, uma falha que diz ser só sua.[1]

A nota de 29 de setembro

Segundo Ronaldo, a reunião com Jesus e Coutinho terminou num acordo: a única forma de encerrar o «caso» era «que o Selecionador repetisse o que acabara de me dizer ali em privado [...] na Sala de Imprensa».[2] Seguiu-se uma videoconferência entre Jesus, Coutinho e Tiago Craveiro, de onde saiu um documento curto. Ronaldo diz que o validou e que o texto chegou ao selecionador, a pedido deste. Acrescenta que nenhum dos oito pontos obrigava Jesus a pedir-lhe desculpa.[1]

A nota não retira ao treinador nenhuma decisão técnica. Confirmava o plano, reconhecia um erro e fechava o assunto. A tabela seguinte compara-a, ponto por ponto, com o que Jesus disse no dia seguinte.

OS OITO PONTOS E A CONFERÊNCIA DE 30 DE SETEMBRO

#	A NOTA, SEGUNDO RONALDO	O QUE JESUS DISSE	LEITURA
1	O plano foi proposto por Jesus, sem mais ninguém	«É verdade que eu combinei isso com ele, criámos um plano»	Parcial: confirma o plano, partilha a autoria
2	Reconhecer o peso de Ronaldo na Seleção e no mundo	Não consta dos excertos publicados	Ausente
3	O plano foi aceite	«disse ao Cris que no jogo na Noruega e no jogo na Dinamarca ele não iria jogar»	Presente
4	Nunca questionou as opções do treinador	«Não, não se recusou a treinar.»	Parcial
5	«Do plano que traçei para ele não constava o jogo da Noruega»; avisou que talvez precisasse dele	«Se precisar de ti 30 minutos vais jogar, se não, não vais jogar.»	Presente, com a mesma condição
6	«Errei ao colocar alguém da dimensão de Pelé ou Maradona a aquecer para depois não o colocar em jogo.»	«30 minutos ele, Pelé ou Maradona? É esse o estatuto.» Errou apenas no momento do aquecimento	Mesmos nomes, admissão mais estreita
7	Jesus quer muito Ronaldo na Seleção	Não consta dos excertos publicados	Ausente
8	A falta de saudação aos adeptos foi frustração, não falta de amor ao país	«Não me apercebi.»	Ausente
+	Não estava na nota	«na equipa mando eu»; «Nunca nenhum jogador vai mudar as minhas ideias. Nem ele nem ninguém no futebol. Nem nenhum presidente.»	Acrescentado

Comparação feita a partir dos excertos da conferência publicados pelo Observador e por A Bola. Não há transcrição oficial completa.[3,6]

Pelé e Maradona

A linha 6 é a que mais diz. Na nota, os dois nomes servem para Jesus reconhecer um erro: não se manda alguém daquela dimensão aquecer para depois o deixar no banco. Na conferência, os mesmos nomes aparecem noutra frase: «30 minutos ele, Pelé ou Maradona? É esse o estatuto.» Os nomes chegaram à conferência, mas a função das palavras mudou.[3]

O mesmo padrão repete-se no resto da conferência. O plano foi confirmado, a condição dos 30 minutos foi repetida e o erro do aquecimento foi admitido, mas reduzido a uma questão de tempo. E Jesus acrescentou o que a nota não tinha: «na equipa mando eu».[3]

Copenhaga

Ronaldo conta que, nessa manhã, numa conversa com Pedro Proença e com Jesus, repetiu a condição que tinha dito em público uma semana antes: se não o quisessem ali, ia embora. Segundo ele, responderam os dois que não, que o lugar dele era na Seleção.[1]

Depois veio a conferência. Ronaldo descreve-a assim: «ouvi expressões e uma agressividade que julgo não merecer, uma atitude de quero, posso e mando».[2,7] Nessa tarde, não subiu ao relvado e saiu do estágio. A Federação confirmou a saída num comunicado de três frases, sem explicar porquê.[8,9]

> *«Era a segunda vez, que me estava a faltar à palavra dada.»*
>
> CRISTIANO RONALDO, 6 DE OUTUBRO DE 2026

No mesmo texto, assume a responsabilidade pela saída e pede desculpa aos colegas. Vai mais longe: «A consequência deste meu ato deve ser avaliada e punida pela Federação Portuguesa de Futebol.» Ser capitão, escreve, é uma agravante. E diz que, cumprido o castigo, volta a estar disponível.[1,2]

A resposta, até à hora de fecho

Portugal ganhou os dois jogos sem Ronaldo: 4–2 em Copenhaga e 2–1 no Dragão.[10,11] Antes do comunicado, Proença falou de «um mal-entendido que tem de ser resolvido dentro de casa» e disse que «temos de prestar a vénia a Cristiano Ronaldo».[12] Jesus usou a mesma palavra, mal-entendido, e disse que Ronaldo volta «quando quiser».[13]

Depois do comunicado, segundo o UOL, Jesus disse ter lido o texto e não respondeu aos oito pontos.[14] Até à hora de fecho, não encontrei uma posição oficial da Federação, uma confirmação pública de Simão Coutinho ou de Tiago Craveiro, nem notícia de um processo disciplinar.

A LEITURA DA MAJLIS

Quando o fim de uma crise depende de uma conferência de imprensa, a conferência passa a ser acordo.

Segundo Ronaldo, a solução de 29 de setembro era pública por natureza: dizer em voz alta o que tinha sido dito em privado. Isso pôs todo o peso num único momento e numa única pessoa. Jesus disse parte do que estava na nota, e o que ficou na memória foi o que acrescentou.

O comunicado de Ronaldo não prova as conversas privadas. Mas fala na primeira pessoa, dá datas, nomeia testemunhas, publica a nota, assume as próprias falhas e pede um castigo. Com isso, deixa a próxima jogada à Federação: confirmar, corrigir ou ficar calada.

Três princípios que valem para qualquer clube ou federação:

1. Se o fim de um conflito depende de uma declaração pública, o texto, quem a faz e quando devem ficar fechados antes. E a instituição deve garantir que é isso que é dito.
2. Numa reparação, as palavras contam tanto como o conteúdo. As mesmas palavras, usadas noutro sentido, desfazem o acordo.
3. Quem é chamado como testemunha passa a fazer parte da crise, quer fale quer fique calado.

Portugal ganhou os quatro jogos de Jesus, dois deles sem Ronaldo. E a audiência, ficou com quem? ■

PRÓXIMO CAPÍTULO · **Quem segue quem?**

Andreia Pinto *é fundadora da Majlis Consultancy, no Dubai, onde trabalha reputação, posicionamento e desenvolvimento de negócio no futebol, entre a Europa e o Golfo. Foi jornalista. A Majlis não participou nos acontecimentos analisados. As conversas privadas são atribuídas a quem as relata; coincidência entre versões não prova todos os seus termos, e divergência não prova intenção. Data de fecho: 8 de outubro de 2026, 15h00 (Dubai).*

NOTAS E FONTES

1 A Bola, o comunicado de Ronaldo (6 out. 2026)
2 CNN Portugal, comunicado de Ronaldo na íntegra (6 out. 2026)
3 Observador, o que Jesus disse sobre os oito pontos (7 out. 2026)
4 Observador, Ronaldo no Portugal Football Summit (23 set. 2026)
5 RTP, Portugal 1–0 País de Gales (24 set. 2026)
6 A Bola, «Nunca nenhum jogador vai mudar as minhas ideias» (30 set. 2026)
7 24 Notícias, «uma agressividade que julgo não merecer» (6 out. 2026)
8 RTP, Ronaldo volta a falhar treino (30 set. 2026)
9 A Bola, a FPF reage à saída de Ronaldo (30 set. 2026)
10 RTP, Dinamarca 2–4 Portugal (1 out. 2026)
11 Terra, Portugal 2–1 Noruega no Dragão (4 out. 2026)
12 A Bola, Pedro Proença: «mal-entendido» (4 out. 2026)
13 Torcedores, Jesus depois do Dragão (4 out. 2026)
14 UOL, a reação de Jesus ao comunicado (7 out. 2026)

THE RONALDO EFFECT · CAPÍTULO 3

Quem segue quem?

Portugal continuou a ganhar sem Ronaldo. Nas redes, a Seleção perdeu mais de dois milhões de seguidores. Mas seguir alguém e dar-lhe razão são coisas diferentes.

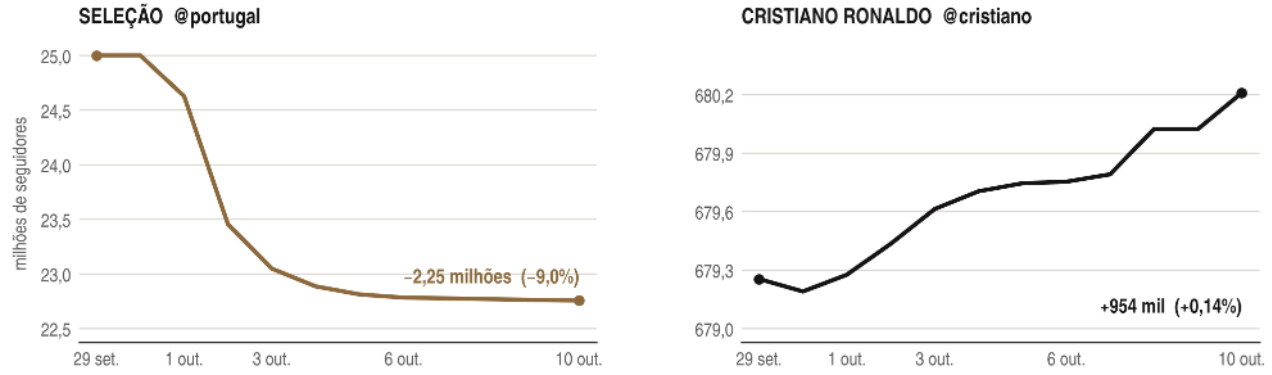
Por **Andreia Pinto** · Dubai, 11 de outubro de 2026

No fim do capítulo anterior, a pergunta ficou em aberto: Portugal ganhou sem Cristiano Ronaldo, e a audiência ficou com quem? A resposta obriga a separar três públicos: as contas que seguem o jogador, as que seguem a Seleção e as pessoas que avaliam o conflito. O mesmo adepto pode estar nos três grupos e ter posições diferentes em cada um.

A minha leitura, que os dados sustentam mas não provam, é que a Seleção perdeu nas redes, sobretudo, a atenção que lhe chegava através de Ronaldo. Não perdeu a confiança dos portugueses na instituição. O erro da Federação veio depois, quando passou a agir como se tivesse de recuperar essa atenção perdida.

A primeira medida é clara. Segundo o histórico publicado pela HypeAuditor, a conta @portugal no Instagram tinha 25.003.921 seguidores a 29 de setembro e 22.758.172 a 10 de outubro: uma variação líquida de menos 2.245.749, cerca de 9,0%. No mesmo intervalo, @cristiano passou de 679.255.076 para 680.209.441, mais 954.365, cerca de 0,14%. A escala das duas contas é muito diferente. O movimento de cada uma também.[1,2]

FIGURA 1 · SEGUIDORES NO INSTAGRAM, 29 DE SETEMBRO A 10 DE OUTUBRO



Contagens diárias da HypeAuditor, recolhidas a 10 e 11 de outubro; a plataforma pode rever o histórico. Os eixos verticais têm escalas diferentes: a comparação válida é a variação de cada conta ao longo do período. Gráfico redesenhado pela Majlis.[1,2]

A queda não parou no primeiro dia

Os números de «300 mil» divulgados nas primeiras horas não eram falsos. Eram uma fotografia tirada cedo. A HypeAuditor regista menos 373.571 seguidores a 1 de outubro, menos 1.173.144 a 2 e menos 406.999 a 3. Uma medição independente de Marco Gouveia no Social Blade chegou a menos 1.833.821 entre 30 de setembro e 2 de outubro, com cortes diários diferentes. Ferramentas, horas de recolha e definição do dia não coincidem, por isso não somo as duas séries.[1,3]

Estes valores são saldos líquidos. Não dizem quantas pessoas carregaram em «deixar de seguir», quantas chegaram entretanto, nem quantas contas a plataforma retirou. A proximidade com a saída de Ronaldo é forte, mas a motivação de cada utilizador não está nos contadores. A frase rigorosa é esta: a conta da Seleção sofreu uma quebra extraordinária no período da crise.

A audiência não é uma votação

Se cada seguidor perdido fosse um voto, a história acabava aqui. Não acaba. Uma sondagem da Pitagórica para a CNN Portugal, feita a 400 pessoas a 1 e 2 de outubro, encontrou 42% a dar razão a Jorge Jesus e 14% a Ronaldo. Outros 20% deram alguma razão a ambos, 10% a nenhum, 10% disseram não ter informação suficiente e 3% não sabiam ou não responderam. A margem de erro publicada é de 5%. A sondagem é anterior ao comunicado de Ronaldo de 6 de outubro.[4]

Depois do comunicado, mais de 25 mil leitores de A Bola responderam a uma votação aberta: mais de 70% escolheram a opção segundo a qual Ronaldo não tinha condições para regressar à Seleção. É uma votação

voluntária, com alternativas escritas pelo jornal, e não representa a população. Outra votação do mesmo jornal, a 1 de outubro, atribuía ao jogador a maior responsabilidade pelo episódio, com 75,7%. As perguntas diferem, mas ambas impedem a leitura de que «a internet escolheu Ronaldo».[5,6]

Uma pessoa pode condenar a saída do estágio e querer Ronaldo de volta. Pode admirar o capitão e defender a autoridade do selecionador. As entrevistas da Lusa junto ao Estádio do Dragão mostram essas combinações: um adepto comprou bilhete também para o ver, outros defenderam a escolha técnica de Jesus e disseram que apoiariam Portugal dentro do estádio. São testemunhos, não uma contagem.[7]

O que se pode medir fora do Instagram

A atenção atravessou fronteiras. Numa recolha de 56 vídeos sobre o caso no YouTube, publicada a 3 de outubro, Marco Gouveia contou 15,7 milhões de visualizações, e os seis vídeos de canais portugueses concentravam 3,4%. A Seleção foi assunto global. A amostra não é um censo do YouTube nem identifica quem assistiu.[3]

O comunicado de Ronaldo ultrapassou 18 milhões de gostos no Instagram, segundo uma contagem publicada por A Bola a 8 de outubro. O mesmo jornal registou outro número: nenhum jogador da Seleção pôs gosto ou comentou a publicação.[8] Não sei porquê, e não vou supor. Um gosto que falta não é uma declaração. Mas, de todos os números deste capítulo, é o que mais me diz: a audiência mais próxima do capitão, o balneário, não reagiu em público, enquanto milhões de desconhecidos carregavam em gosto.

Quanto às imagens de portas de hotel mais vazias, não encontrei uma contagem comparável, no mesmo local e horário, antes e depois da saída do capitão. Há vídeos e relatos avulsos. Também não há dados públicos que permitam converter seguidores em audiências televisivas, bilhetes ou receita. Isso fica para o próximo capítulo.

A publicação que expôs a contradição

A 9 de outubro, depois do golo de Ronaldo na vitória do Al-Nassr sobre o Al-Diriyah (3–0), a conta oficial da Seleção no X publicou uma frase e uma imagem do jogador com a camisola de Portugal.[9] Não foi um gosto numa publicação alheia. Foi uma escolha editorial.

> *«Golo de Cristiano Ronaldo na vitória do Al Nassr»*
>
> CONTA OFICIAL DA SELEÇÃO NO X, 9 DE OUTUBRO DE 2026

No mesmo dia, o Conselho de Disciplina deliberou instaurar um processo e aplicar a Ronaldo uma suspensão preventiva. A decisão foi comunicada a 10. Segundo a RTP, o processo diz respeito a «factos participados no dia 7 de outubro de 2026», o dia seguinte ao comunicado em que Ronaldo pediu para ser punido.[10] Segundo a Reuters, Pedro Proença manifestou vontade de ter Ronaldo de volta.[11]

A minha posição é esta: foi comunicação incoerente. A Federação pode respeitar o capitão, reconhecer um golo no clube e conduzir um processo disciplinar independente, tudo ao mesmo tempo. O que não pode é celebrar o jogador no dia em que o seu órgão disciplinar o suspende, sem dizer uma palavra aos adeptos sobre a relação entre o jogador, o selecionador e a Federação. Chamar-lhe «lavagem de imagem» seria atribuir uma intenção que não conheço. Chamar-lhe incoerente é descrever o que foi publicado e o que ficou por explicar.

Também não se pode dizer que a publicação recuperou audiência. Foi feita no X, e a contagem da HypeAuditor é do Instagram, por isso não mede a reação àquele post. Mostra apenas que @portugal continuou a perder seguidores nesses dias, num saldo de menos 7.799 a 9 de outubro e de menos 4.537 a 10.[1]

A LEITURA DA MAJLIS

A Seleção não pode competir com a conta de Ronaldo. Tem de deixar de precisar dela.

Os números mostram uma dependência de atenção. Durante anos, Ronaldo levou uma audiência global à camisola de Portugal. Na primeira separação pública, a conta da Seleção perdeu perto de um em cada onze seguidores, enquanto a do jogador cresceu. Mas a instituição conservou 22,76 milhões e ganhou em campo sem ele. O valor desportivo da equipa e o alcance da sua história são ativos diferentes, e a Federação tratou-os, nesta semana, como se fossem o mesmo.

Se a decisão fosse minha:

1. Suspendia as publicações sobre golos de Ronaldo pelo clube até haver uma linha institucional clara. Sem apagar o legado nem fingir que ele deixou de ser o capitão.
2. Alinhava presidência, comunicação e equipa técnica em quatro factos que todos podem dizer: respeito pelo jogador, autonomia do Conselho de Disciplina, autoridade técnica do selecionador e o caminho previsto para voltarem a falar. Uma nota curta da presidência explicaria esses limites, sem antecipar a sanção nem falar em nome de Ronaldo ou de Jesus.
3. Propunha uma conversa privada, separada do processo disciplinar, para fixar por escrito quem decide a utilização desportiva, quem comunica mudanças de plano, como se resolve um desacordo e quem torna público o resultado. Sem prometer convocatória nem encenar reconciliações. O capítulo 2 mostrou o que acontece quando um acordo depende de uma conferência de imprensa.
4. Pedia à equipa digital 30 dias de medição diária: saldo de seguidores, alcance e retenção por publicação, localização da audiência e uma amostra de comentários com regras transparentes, comparando conteúdos sobre Ronaldo, sobre os outros jogadores e sobre a equipa. Só depois diria que a Seleção reconquistou o público.

A pergunta não é quem ganhou a discussão. É que parte da audiência a Seleção consegue manter com uma relação própria e credível. Os dados públicos ainda não respondem.

A conta pessoal de Cristiano Ronaldo é um meio de comunicação global. A conta da Seleção é uma casa coletiva. Quando as duas deixam de contar a mesma história, os números mostram para onde vai a atenção, e a sondagem lembra que atenção não é consentimento. Publicar o golo do capitão sem resolver a linguagem institucional pode captar um instante dessa atenção. Não repara a confiança. ■

PRÓXIMO CAPÍTULO · **O valor comercial**

Andreia Pinto *é fundadora da Majlis Consultancy, no Dubai, onde trabalha reputação, posicionamento e desenvolvimento de negócio no futebol, entre a Europa e o Golfo. Foi jornalista. A Majlis não participou nos acontecimentos analisados. As opiniões da autora estão escritas na primeira pessoa. A contagem de seguidores é uma variação líquida de contas, não uma medição de intenção, opinião ou receita; não foi feita uma amostra original de comentários, e as votações citadas têm os limites indicados. Data de fecho: 11 de outubro de 2026 (Dubai).*

NOTAS E FONTES

1 HypeAuditor, histórico diário de @portugal no Instagram, até 10 out. 2026 (consultado a 10 e 11 out.)
2 HypeAuditor, histórico diário de @cristiano no Instagram, até 10 out. 2026 (consultado a 10 e 11 out.)
3 Marco Gouveia, medição própria com Social Blade e vidIQ, atualizada a 3 out. 2026
4 Observador, sondagem Pitagórica/CNN Portugal (3 out. 2026)
5 A Bola, votação de leitores após o comunicado (7 out. 2026)
6 A Bola, votação sobre responsabilidade (1 out. 2026)
7 RTP/Lusa, adeptos junto ao Estádio do Dragão (4 out. 2026)
8 A Bola, «Nem um like, nem um comentário» (8 out. 2026)
9 Seleção Nacional, publicação na conta oficial no X (9 out. 2026)
10 RTP/Lusa, comunicado do Conselho de Disciplina (10 out. 2026)
11 Reuters, suspensão preventiva e declarações de Proença (10 out. 2026)

THE RONALDO EFFECT · CAPÍTULO 4

O valor comercial

O que Portugal pode perder sem perder um patrocinador.

Por **Andreia Pinto** · Dubai, 19 de outubro de 2026

No capítulo 1, chamei-lhe o contrato que ninguém escreveu: as expectativas que se formam entre um ícone e uma instituição sem nunca passarem para o papel. No capítulo 2, vimos o que aconteceu quando alguém o tentou escrever em oito pontos e uma conferência de imprensa o desfez. No capítulo 3, vimos que a atenção segue Cristiano Ronaldo, mas que seguir não é dar razão.

Este capítulo faz a mesma pergunta ao dinheiro: na relação comercial entre Ronaldo e a Seleção, o que está escrito e o que não está?

A resposta curta é esta. Os contratos conhecidos foram assinados com a Federação, não com o jogador, e o valor que ele acrescenta não aparece em nenhum deles. Está nas camisolas com o nome dele, na atenção que chega às contas da Seleção e nas campanhas em que aparece. É o contrato que ninguém escreveu, na versão comercial.

O que está escrito

Depois da saída de Ronaldo do estágio, circularam publicações a anunciar que a Puma retirara o patrocínio a Portugal. A marca desmentiu. Ao Observador, a 9 de outubro, disse que a parceria com a Federação «está ativa e de boa saúde, assente num acordo de longa duração».[1]

Segundo o mesmo artigo, o contrato foi assinado em novembro de 2024 e vai de 2025 a 2030, por cerca de 20 milhões de euros por ano. A Nike, que equipou a Seleção durante 27 anos, pagava cerca de 7,5 milhões.[1] Numa federação que fechou 2024/25 com receitas recorde acima de 131 milhões de euros, é um contrato de peso.[2] No anúncio, a Puma não fala de Ronaldo. Fala de Eusébio, do «grande potencial da próxima geração» e da audiência: Portugal tem o maior número de seguidores nas redes sociais de qualquer federação nacional do mundo.[3]

A MEO é parceira da FPF desde 1998, antes da estreia de Ronaldo pela Seleção principal, e renovou em dezembro de 2023 até 2030.[4] Portugal tem uma história comercial própria, construída com adeptos, competições, resultados e várias gerações de jogadores.

Só um contrato público tem o nome dele. A 2 de fevereiro de 2026, a FPF e a AVA CR7 anunciaram uma parceria que faz da marca o «Recovery Partner das Seleções Nacionais» até ao final de 2026, com equipamentos de recuperação usados na Cidade do Futebol e nos estádios.[5] A Bola apresentou o acordo como uma parceria revelada por Ronaldo e pela FPF.[6] Aqui, o sentido inverte-se: é uma marca com o nome do jogador que procura valor na Seleção. O valor financeiro não foi divulgado, e nada indica que a crise tenha alterado o acordo. Não se sabe se há renovação automática nem se já houve conversas. Sabe-se que o prazo divulgado vai coincidir, no calendário, com um processo disciplinar que pode ainda estar aberto.

O QUE ESTÁ ESCRITO

CONTRATO	O QUE ESTÁ DOCUMENTADO	PRAZO	O QUE FALTA CONHECER
Puma e FPF	Equipamentos de todas as seleções; cerca de 20 M€ por ano, segundo o Observador; camisolas com nome de jogadores à venda	2025–2030	Vendas e margens por jogador e mercado
MEO e FPF	Patrocinador oficial de todas as seleções desde 1998	Até 2030	Obrigações de participação dos jogadores em campanhas
AVA CR7 e FPF	«Recovery Partner das Seleções Nacionais»; equipamentos de recuperação	Até ao fim de 2026	Valor, contrapartidas e intenção de renovar

Contratos verificados em fontes públicas. Não é uma estimativa de perdas.[1,4,5]

O que não está escrito

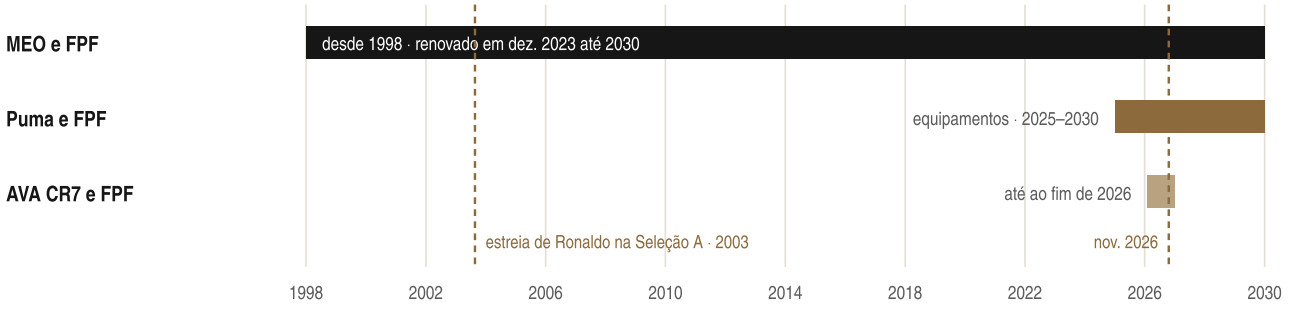
Uma camisola de Portugal pode ser comprada pela Seleção, pela história de uma família, pela memória de um torneio ou pelo nome que leva nas costas. No catálogo da Puma, a coleção de 2026 inclui camisolas com o nome de Ronaldo, Vitinha, Nuno Mendes, Bruno Fernandes e Rafael Leão.[7] O emblema é o mesmo, e o nome acrescenta uma escolha. Quantas pessoas compram Portugal e quantas chegam a Portugal através de um jogador? As vendas não são públicas.

A atenção também não está em contrato nenhum. Dentro da audiência digital que a Puma destacou, a conta da Seleção no Instagram registou a quebra documentada no capítulo 3: cerca de 9% em onze dias. E a Federação continua a usar essa atenção. A conta oficial no X publicou um golo de Ronaldo pelo Al-Nassr a 9 de outubro, dia em que o Conselho de Disciplina deliberou abrir o processo, e outro a 12.[8,9]

Em fevereiro de 2025, o IPAM avaliou a marca Cristiano Ronaldo em 850 milhões de euros, com um índice de 28 variáveis em seis dimensões.[10] É uma estimativa da marca pessoal do jogador. Não é faturação anual nem o valor que a Federação perderia sem ele. A FPF beneficia da associação, mas não é dona desse universo. A pergunta difícil é quanto valor a mais gera Portugal por estar associado a Ronaldo. Não encontrei nas fontes públicas uma avaliação que permita dizer. Aplicar uma percentagem aos 850 milhões daria um número, não uma conclusão.

Um contrato em vigor também não garante que o que lhe dá valor fique igual. Uma marca pode manter o patrocínio e mudar uma campanha, continuar a pagar e obter menos com os direitos que comprou, ou negociar de outra forma na renovação. Para dizer que isso aconteceu, seria preciso conhecer as entregas contratadas e os resultados. Não são públicos.

FIGURA · PRAZOS DOS CONTRATOS CONHECIDOS COM A FPF



Prazos anunciados publicamente. A imprensa noticiou valores, como os cerca de 20 M€ por ano da Puma, segundo o Observador. Os termos contratuais, as cláusulas de renovação e as entregas contratadas não foram divulgados. Gráfico desenhado pela Majlis. [1, 3, 4, 5]

Depois do capítulo 3

A 12 de outubro, Ronaldo marcou na vitória do Al-Nassr sobre o Neftchi Fargona (3–1), na Liga dos Campeões asiática. No fim, beijou o emblema saudita da camisola do clube e acenou aos adeptos com um cachecol da Arábia Saudita. Nesse dia, a conta da Seleção publicou: «RONALDO volta a marcar pelo Al Nassr.»[9] O Al-Nassr divulgou nas redes um vídeo em que Ronaldo, de cachecol saudita ao pescoço, diz: «Eu sou português, mas pertenço ao reino da Arábia Saudita.»[11] A publicação é do clube, e nada indica que fosse uma resposta à Federação. Mostra outra instituição a trabalhar a imagem do mesmo jogador.

«Com certeza que Ronaldo tem condições para regressar.»

PEDRO PROENÇA, FUNCHAL, 16 DE OUTUBRO DE 2026

Proença falou de novembro: «Todos, sem exceção, queremos estar juntos novamente em novembro.»[12] No Funchal, acrescentou que é «o momento da tranquilidade, de sentarmos todos à mesa».[12] Até à hora de fecho, não encontrei a decisão final do Conselho de Disciplina. O regulamento citado pela imprensa prevê, para este tipo de infração, de um a seis meses de suspensão.[13]

Para um parceiro comercial, isto quer dizer que o presidente da Federação fala de novembro e que o regulamento admite uma suspensão de até seis meses. Quem prepara ativações para a próxima janela não sabe com quem conta.

Onde procuraria o efeito Ronaldo

Começaria pelos produtos. Nas camisolas, pediria vendas e margem por jogador, país e canal, em períodos equivalentes, com stock, descontos e investimento publicitário ao lado. Uma quebra pode vir de menos procura, mas também de falta de tamanhos ou do fim de uma campanha. Uma subida pode ser procura nova ou compras antecipadas.

Depois, as campanhas dos patrocinadores. O que procurava cada marca: notoriedade, preferência, contactos, vendas? Que resultados tiveram as ações com Ronaldo, comparadas com as outras? O peso dele não deve ser o mesmo em todos os mercados. É uma hipótese que vale a pena testar, mercado a mercado.

Por fim, o negócio em negociação. Há propostas cuja força depende da presença de Ronaldo? Projetos que exigem a disponibilidade pessoal dele? Alguma oportunidade foi adiada? Estas perguntas são mais úteis do que converter seguidores perdidos em euros. Mostram onde existe dependência, quanto custa e que alternativas há.

A LEITURA DA MAJLIS

Manter um patrocinador não é o mesmo que preservar o valor da parceria.

Um contrato pode continuar em vigor enquanto o valor da sua ativação muda. A permanência da Puma responde à pergunta sobre se o patrocinador fica. Não responde a quanto valor a parceria gera com Ronaldo, ou sem ele. No anúncio de 2024, a Puma destacou a audiência digital da Federação e a próxima geração, não o capitão. Nesta crise, a conta oficial continuou a usar os golos dele no clube enquanto o processo disciplinar corre. A minha posição é que uma instituição deve conhecer o valor das relações de que depende antes de ser obrigada a geri-las em rutura. E o valor comercial de Ronaldo não deve comprar minutos em campo, lugares na equipa ou exceções disciplinares.

Se a decisão fosse minha:

1. Qualquer decisão sobre a renovação da AVA CR7 teria uma justificação comercial escrita e um processo de aprovação próprio, independente do processo disciplinar. Nem a renovação nem o fim do acordo seriam apresentados como prémio ou castigo desportivo.
2. Deixava de usar a conta oficial para amplificar os golos de Ronaldo no clube. Depois do capítulo 3, aconteceu mais uma vez.
3. Falava já com cada patrocinador sobre novembro, com os dois cenários em cima da mesa, com e sem o capitão. Sem prometer presenças nem decisões desportivas que a Federação não pode garantir.
4. Pedia à Puma as vendas de camisolas por jogador e mercado. Mediriam o peso de um nome no merchandising. Para medir a dependência comercial no seu todo, faltariam as ativações, a hospitalidade, o licenciamento e os resultados dos parceiros.
5. Mantinha uma relação profissional com Ronaldo que permitisse acordos futuros, se ambas as partes o quisessem. E construía, em paralelo, outras razões para comprar Portugal: outros jogadores, outras seleções, outras histórias.

Até 19 de outubro, as fontes públicas não permitem quantificar uma perda de receita da FPF causada por este episódio. Permitem identificar os contratos onde os dois universos se cruzam e um prazo divulgado: o fim de 2026, na parceria com a AVA CR7.

Eu não começaria por pedir à Federação que pusesse um preço em Ronaldo. Pedia-lhe que estabelecesse que resultados comerciais dependem dele, quais pertencem à Seleção e como vai gerir a transição. Portugal não precisa de pôr o futuro comercial nas mãos de um jogador. Precisa de conhecer essa dependência antes de dizer que já a ultrapassou. ■

No anúncio de 2024, a Puma falou do «grande potencial da próxima geração». É dessa geração que trata o último capítulo. ■

PRÓXIMO CAPÍTULO · **A sucessão**

Andreia Pinto *é fundadora da Majlis Consultancy, no Dubai, onde trabalha reputação, posicionamento e desenvolvimento de negócio no futebol, entre a Europa e o Golfo. Foi jornalista. A Majlis não participou nos acontecimentos analisados. As opiniões da autora estão escritas na primeira pessoa. Os valores dos contratos são divulgados pela imprensa; nenhum contrato foi consultado. Data de fecho: 19 de outubro de 2026 (Dubai).*

NOTAS E FONTES

1 Observador, fact-check sobre o patrocínio da Puma (9 out. 2026)
2 Soccerway, contas da FPF de 2024/25
3 PUMA, anúncio da parceria com a FPF (27 nov. 2024)
4 MEO, renovação com a FPF até 2030 (dez. 2023)
5 FPF, «FPF estabelece parceria com a AVA CR7» (2 fev. 2026)
6 A Bola, «Cristiano Ronaldo e FPF revelam parceria» (2 fev. 2026)
7 PUMA Canadá, camisola de jogador de Portugal 2026
8 Seleção Nacional, publicação na conta oficial no X (9 out. 2026)
9 A Bola, o símbolo saudita e a publicação da Seleção (12 out. 2026)
10 IPAM, avaliação da marca Cristiano Ronaldo (5 fev. 2025)
11 A Bola, «Pertenço à Arábia Saudita» (13 out. 2026)
12 A Bola, Proença no Funchal (16 out. 2026)
13 IOL, o que prevê o regulamento disciplinar (8 out. 2026)

THE RONALDO EFFECT · CAPÍTULO 5

A sucessão

Ronaldo despediu-se da Seleção antes da convocatória. O que fica da relação ainda está por escrever.

Por **Andreia Pinto** · Dubai, 6 de novembro de 2026

No capítulo anterior, perguntei o que Portugal poderia perder sem perder um patrocinador. Havia uma pergunta anterior: quando o jogador deixa de ocupar o mesmo lugar em campo, quem decide o que fica da relação entre Cristiano Ronaldo e a Seleção? Na manhã de 5 de novembro, Ronaldo respondeu por si. Num vídeo em que lê uma carta de despedida, disse que chegou o dia de «devolver a camisola 7 da seleção de todos nós» e que a sua caminhada dentro de campo com a Seleção termina, ao fim de 234 jogos e 146 golos.[11] A FIFA confirmou o anúncio e esses totais.[13] A retirada da Seleção não é a retirada do futebol de clubes.

Dezassete dias antes, a 19 de outubro, o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol tinha decidido outra coisa. Pelo abandono do estágio em Copenhaga, aplicou-lhe 30 dias de suspensão e uma multa de 255 euros, com 19 dias já cumpridos em suspensão preventiva. Essa decisão não dizia se voltaria a ser convocado, se continuaria capitão ou como a Federação trabalharia com ele depois do último jogo. A carta responde a uma parte. Não escreve o que fica: que forma terá a homenagem, que papel terá ele depois, nem o que acontece às ativações comerciais em que o nome dele conta.[1,11]

FIGURA · DO ACÓRDÃO AO ANÚNCIO, 19 DE OUTUBRO A 6 DE NOVEMBRO



Datas segundo as fontes citadas nas notas. A distância entre pontos é proporcional ao número de dias. Gráfico desenhado pela Majlis. [1, 9, 10, 11, 15]

O que o acórdão esclarece

A decisão de 19 de outubro assenta numa confissão integral e sem reservas, apresentada por Ronaldo no processo a 16 de outubro, dos factos descritos na acusação. Dá como provado que saiu do estágio a 30 de setembro, antes do treino oficial em Copenhaga, sem comunicar previamente a saída aos responsáveis da FPF. Depois de sair, informou Pedro Proença por telefone de que não tinha condições anímicas para continuar. Faltou às atividades seguintes e aos dois jogos previstos. O Conselho considerou o abandono injustificado à luz do regulamento.[1]

O mesmo acórdão reconhece o percurso do jogador como circunstância a seu favor e, em sentido contrário, pesa a projeção pública do episódio e a responsabilidade acrescida de ser capitão. Os 30 dias e os 255 euros não são, por isso, uma medida simples do que Ronaldo «vale» à Federação. São uma sanção disciplinar definida naquele processo.[1]

A moldura inicial era de um a seis meses de suspensão e de 5 a 10 UC de multa (1 UC = 102 euros), ou seja, 510–1.020 euros. A ausência de registo disciplinar fundamentou uma primeira redução para metade. A confissão levou a uma segunda redução, também para metade: 8–45 dias e 1,25–2,5 UC, ou 127,50–255 euros. Os serviços relevantes ao futebol e o louvor por mérito desportivo pesaram na medida concreta da sanção, e não como fundamento da mesma redução. Os 30 dias ficaram acima do ponto médio dessa moldura e a multa atingiu o máximo.[1]

Há também um limite de leitura: o processo julgou o abandono do estágio. Não demonstrou qual das duas versões da conversa sobre os 30 minutos em Oslo é verdadeira, nem confirmou a nota de oito pontos que Ronaldo publicou a 6 de outubro. Esses factos permanecem atribuídos a quem os relatou. O que a decisão já permite dizer é que reconhecer o contributo

de um ícone e aplicar-lhe a regra podem coexistir na mesma instituição.[1,2]

A despedida não é a sucessão

A suspensão terminara a 30 de outubro. Quatro dias antes, a RTP/Lusa noticiara que Ronaldo integrava a pré-lista de Jorge Jesus, citando uma fonte próxima do processo, e a imprensa de 2 de novembro dava a lista final como marcada para 6 de novembro, às 12h00 de Lisboa, na Cidade do Futebol. Ronaldo anunciou a saída na véspera. A lista saiu a 6 de novembro, como previsto, e sem o nome dele.[1,9,10,11,15]

Jesus anunciou 28 convocados para os jogos com a Dinamarca, a 14 de novembro, em Braga, e com o País de Gales, a 17, em Cardiff. Serão os primeiros depois do anúncio. Explicou que alargou a lista porque há sete jogadores em risco de suspensão por acumulação de amarelos, e assim os que ficarem fora de jogo voltam aos clubes sem viagens inúteis.[3,9,15,16] Com o anúncio feito antes da lista, a convocatória deixou de ser o momento em que o futuro dele se decide. A Federação respondeu no mesmo dia, com uma mensagem do presidente, Pedro Proença, a dizer que as portas da Federação estarão sempre abertas para Ronaldo, e com um comunicado em que diz querer organizar uma homenagem. Jorge Jesus disse que a decisão é do jogador e que a aceita.[11,12]

Na conferência de 6 de novembro, Jesus disse que a decisão lhe foi comunicada «exatamente ontem» e que, até aí, não sabia de nada. Disse também que pensava convocar Ronaldo e conversar com ele, e que não tentou falar-lhe durante o castigo. É a versão pública do selecionador: não mostra o que a Federação sabia nem permite atribuir um motivo privado ao jogador.[14,17]

A braçadeira tem regra. O resto não

Perguntaram a Jesus por Bernardo Silva como novo capitão. Respondeu que o selecionador não escolhe os capitães, que são definidos pelas internacionalizações, e que a seguir a Ronaldo é Bernardo Silva quem tem mais jogos. Há cinco jogadores com mais internacionalizações, e foi desse grupo que falou. Acrescentou que o que Bernardo pode dar como capitão é a experiência e a qualidade como jogador.[17]

A capitania tem portanto uma regra pública e um sucessor provável. O que a regra não transfere é o resto que Ronaldo reuniu em vinte e três anos de Seleção: a atenção global, a audiência pessoal e o peso comercial de que tratei nos capítulos 3 e 4, e que não consegui medir. Uma regra de internacionalizações resolve quem usa a braçadeira. Não resolve quem os adeptos e os parceiros passam a ver como a cara da Seleção.[5,6,7,8,17]

Portugal venceu a Dinamarca por 4–2 e a Noruega por 2–1 sem Ronaldo, como registei no segundo capítulo. Esses resultados mostram que a equipa conseguiu vencer aqueles jogos. Não permitem afirmar que joga melhor sem ele, nem pior. A resposta desportiva só existirá depois de várias convocatórias contra adversários diferentes, não numa comparação escolhida durante uma crise.[4]

Em outubro, Ronaldo escrevera que, depois de cumprir qualquer castigo, estaria pronto para competir pela Seleção se estivesse fisicamente bem. Cumpriu o castigo e escolheu outro desfecho. Até ao fecho deste texto, não encontrei uma explicação dele para a mudança de posição, e não a atribuo a nenhuma causa.[2,11]

«Uma estrela pode emprestar atenção à instituição; não pode legar-lhe a sua audiência pessoal por decreto.»

THE RONALDO EFFECT · CAPÍTULO 5

A atenção de uma estrela não se herda

No terceiro capítulo, medi uma quebra líquida de 2.245.749 seguidores na conta @portugal entre 29 de setembro e 10 de outubro, segundo a série diária da HypeAuditor. A conta de Ronaldo cresceu 954.365 no mesmo intervalo. Não são votos sobre quem tinha razão: a variação não identifica os motivos de cada conta, e as duas audiências não são mutuamente exclusivas. Mostra, sim, que a circulação da atenção não é garantida pela posse da camisola nacional.[5]

No quarto capítulo, mostrei outra separação. A Puma confirmou que a parceria com a FPF continuava, a MEO tem um acordo anunciado até 2030 e a AVA CR7 foi apresentada como parceira de recuperação das Seleções até ao final de 2026. Nem a permanência desses contratos prova que nada mudou no valor das ativações, nem a crise prova uma perda de receitas. Para medir o efeito, faltam vendas por produto, direitos concretos, resultados de campanhas e termos contratuais.[6,7,8]

O prazo anunciado para a AVA CR7 termina no final deste ano. A eventual continuidade dessa parceria será um ponto concreto para observar como a FPF e uma marca do universo Ronaldo escolhem manter a relação. O anúncio não revela cláusulas de renovação nem quem detém a decisão contratual final, e por isso não permite antecipar uma rutura ou uma renovação.[8]

É aqui que a sucessão deixa de ser apenas uma lista de nomes. A FPF já dispõe de outras equipas, de outros jogadores e de parceiros com uma história própria. A questão estratégica não é fabricar um «novo Ronaldo», é dar a esses ativos razões próprias para serem seguidos, lembrados e comprados, sem apagar o contributo que ajudou a ampliar o alcance de Portugal.

Três decisões, três responsáveis

Se estivesse a preparar esta transição, começaria por separar três decisões e entregar cada uma a quem a deve tomar. A primeira é desportiva: o selecionador define convocatória, utilização e critérios de desempenho, agora sem Ronaldo. A braçadeira segue, segundo Jesus, a ordem de internacionalizações. Nenhuma consideração comercial compra minutos. A segunda é institucional: a presidência e a estrutura da

Federação definem o modo de comunicar com o jogador, com os companheiros e com o público, e a forma da homenagem que disseram querer fazer. A terceira é comercial: os responsáveis pelos direitos e parceiros identificam as campanhas, produtos e obrigações que dependem da participação ou da imagem de Ronaldo. Coordenar as três não quer dizer que uma possa mandar nas outras.

QUEM DECIDE O QUÊ

ÁREA	QUEM DECIDE	O QUE DECIDE	LIMITE
Desportiva	O selecionador	Convocatória, utilização e critérios de desempenho; a braçadeira segue a ordem de internacionalizações, segundo Jesus	Nenhuma consideração comercial compra minutos.
Institucional	A presidência e a estrutura da Federação	Como comunicar com o jogador, os companheiros e o público; a forma da homenagem	A comunicação pública não promete mais do que o treinador decidiu.
Comercial	Os responsáveis pelos direitos e parceiros	Campanhas, produtos e obrigações que dependem da participação ou imagem de Ronaldo	A Majlis não conhece os contratos: são perguntas a fazer a quem os conhece.

Estrutura proposta pela Majlis. Não descreve um plano da Federação nem contratos conhecidos.

Depois, faria uma conversa privada antes de cada mudança importante, sem transformar o diálogo num direito de veto. Perguntaria ao treinador o que está decidido, a Ronaldo o que compreendeu e o que aceita comunicar, e à Federação quem fala publicamente e quando. No caso de Oslo, as duas versões concordavam que havia um plano e divergiam sobre a condição para o mudar. Desta vez, o jogador anunciou primeiro e a Federação e o selecionador responderam nas horas seguintes. Não sei, e não me cabe inferir, quanto estava combinado antes. O erro a não repetir é deixar uma expectativa decisiva com dois significados e descobrir a diferença numa conferência de imprensa.[2,4,11,12]

Na relação comercial, pediria uma lista dos direitos e das dependências: quem pode usar nome e imagem, em que contexto, por quanto tempo e com que aprovações; que ativações exigem presença física; que produtos dependem de uma convocatória; e o que é negociável depois de Ronaldo deixar de jogar. Não conheço os contratos. Estas são perguntas a fazer a quem os conhece, não cláusulas que eu atribua à FPF. Uma homenagem, que a Federação diz querer organizar, levanta as mesmas perguntas.

A LEITURA DA MAJLIS

Homenagem não é sucessão.

No primeiro capítulo, «O contrato que ninguém escreveu» deu nome aos precedentes que passam a funcionar como regras sem terem sido escritos. No segundo, Ronaldo apresentou uma nota de oito pontos que, segundo ele, devia ser dita em público, e a conferência não fechou o conflito. No terceiro, a audiência mostrou a diferença entre a pessoa e a instituição. No quarto, os contratos mostraram a diferença entre manter um patrocinador e preservar todo o valor da relação. Agora há uma decisão disciplinar escrita, uma carta de despedida e uma regra pública para a braçadeira. Nenhuma das três escreve o que fica da relação: a homenagem, o papel dele depois do último jogo e o que acontece às ativações em que o nome dele conta.[1,2,4,5,6,11,17]

Se a decisão fosse minha:

1. Faria a homenagem que a Federação disse querer fazer, e só a anunciaria depois de a combinar com o jogador: formato, data e quem fala.
2. Daria ao treinador espaço para construir a equipa sem a comparação permanente com Ronaldo.
3. Explicaria a capitania como o que é, uma regra de internacionalizações. Quem a usar fá-lo-á por ter mais jogos, não por herdar o lugar de Ronaldo.
4. Ligaria o público às várias seleções, e não a um único nome, com razões próprias para seguir cada uma.
5. Trataria qualquer associação futura com Ronaldo, incluindo um cargo de embaixador, como uma decisão a discutir, aceitar e contratar nos seus próprios termos. Não a anunciaria como parte da despedida.

Isto é uma recomendação minha, não um plano da Federação nem um acordo com o jogador.

O QUE ACOMPANHAR

QUANDO	O QUE ACOMPANHAR	PORQUÊ
14 nov.	Portugal–Dinamarca, em Braga	Primeiro jogo depois da despedida. Mostra quem usa a braçadeira, segundo a regra das internacionalizações.
17 nov.	País de Gales–Portugal, em Cardiff	Segundo jogo sem Ronaldo. Os dois jogos fecham o grupo da Liga das Nações.
Até ao fim de 2026	Prazo anunciado da AVA CR7 como parceira de recuperação das Seleções	Primeira decisão comercial com data conhecida, ligada ao universo de Ronaldo.
Sem data	A homenagem que a Federação diz querer organizar	Formato, data e quem fala continuam por anunciar.

Datas segundo as fontes citadas nas notas. São pontos de observação, não previsões.[3,8,9,12]

Numa sucessão bem conduzida, cada parte sabe o que decide e o que promete. O contrato que ninguém escreveu deixa de governar quando isso fica escrito. ■

Andreia Pinto *é fundadora da Majlis Consultancy, no Dubai, onde trabalha reputação, posicionamento e desenvolvimento de negócio no futebol, entre a Europa e o Golfo. Foi jornalista. A Majlis não participou nos acontecimentos analisados nem teve acesso às conversas privadas, aos contratos comerciais integrais ou a dados internos de audiência e vendas. A decisão disciplinar prova os factos que julga, não as versões particulares do desacordo com o selecionador. Números de seguidores são saldos de uma plataforma, não prova de intenção ou de perda de receita. Data de fecho: 6 de novembro de 2026, depois da conferência de imprensa do selecionador (Dubai).*

NOTAS E FONTES

1 FPF, Conselho de Disciplina, acórdão de 19 out. 2026 (PD n.º 43 — 2026/2027) — n.º 12 (p. 7); facto provado n.º 10 (p. 10); n.os 58–60 (pp. 23–24); 71 e 73 (pp. 26–27). Cópia integral disponibilizada pela RTP

2 CNN Portugal, comunicado de Ronaldo na íntegra (6 out. 2026) — reproduzido na íntegra; declarações privadas atribuídas ao jogador

3 Portugal Store / FPF, calendário da Seleção, Liga das Nações 2026/27

4 Majlis Consultancy, capítulo 2, «Oslo e Copenhaga. A cláusula que mudou?» (fecho 8 out. 2026) — edição portuguesa no LinkedIn

5 Majlis Consultancy, capítulo 3, «Quem segue quem?» (fecho 11 out. 2026) — HypeAuditor, 29 set.–10 out.: @portugal; @cristiano

6 Majlis Consultancy, capítulo 4, «O valor comercial» (fecho 19 out. 2026) — publicação portuguesa no LinkedIn, com o PDF

7 Puma, anúncio da parceria com a FPF (27 nov. 2024); Observador, resposta da Puma (9 out. 2026)

8 MEO, renovação até 2030 (dez. 2023); FPF, anúncio AVA CR7 (2 fev. 2026)

9 RTP/Lusa, Cristiano Ronaldo na lista de pré-convocados (26 out. 2026, 22h32) — fonte próxima do processo; datas e locais dos jogos de novembro

10 Notícias ao Minuto, «Regresso à vista?» (26 out. 2026); A Bola, «Já há data para a convocatória de Jorge Jesus» (2 nov. 2026) — lista agendada para 6 de novembro, 12h00, Cidade do Futebol

11 A Bola, «Cristiano Ronaldo diz adeus à Seleção Nacional» (5 nov. 2026); Diário de Notícias, «Cristiano Ronaldo anuncia saída da seleção» (5 nov. 2026) — carta lida em vídeo; 234 jogos e 146 golos

12 O Jogo, «Pedro Proença sobre Cristiano Ronaldo: «As portas estarão sempre abertas»» (5 nov. 2026); Observador, reações à saída de Ronaldo da Seleção (5 nov. 2026) — mensagem do presidente da FPF, comunicado sobre a homenagem e reação de Jorge Jesus

13 FIFA, anúncio da retirada internacional (5 nov. 2026) — confirma o anúncio e os totais de 234 internacionalizações e 146 golos

14 RTP, Jorge Jesus disponível para falar com Cristiano Ronaldo (6 nov. 2026)

15 A Bola, «A primeira lista de Jorge Jesus após o adeus de Cristiano Ronaldo» (6 nov. 2026, 12h11) — 28 convocados, sem Ronaldo

16 A Bola, «Jesus explica a lógica da chamada alargada de 28 jogadores» (6 nov. 2026) — sete jogadores em risco de suspensão por amarelos

17 A Bola, «Adeus a CR7: «O faria tudo igual» e o passado que não interessa. Tudo o que disse Jorge Jesus» (6 nov. 2026) — capitania, internacionalizações e momento em que soube da decisão

O MÉTODO, EM CINCO IDEIAS

O que fica do método

Cinco capítulos, cinco ideias. Servem para este caso e servem para qualquer clube, federação ou profissional que gira uma relação longa com alguém maior do que o cargo.

01

Uma exceção que dura tempo suficiente vira regra.

Ninguém a vota. Deixa de ser questionada, e a crise aparece quando alguém mexe nela sem saber que existia.

02

Se o fim de uma crise depende de uma conferência de imprensa, a conferência passa a ser acordo.

O texto, quem o diz e quando devem ficar fechados antes. As mesmas palavras, usadas noutro sentido, desfazem o acordo.

03

Seguir alguém não é dar-lhe razão.

A atenção que um ícone traz não passa por decreto para a instituição. Mede-se com método, e a Seleção tem de deixar de precisar da conta de Ronaldo.

04

Manter um patrocinador não é preservar o valor da parceria.

Um contrato pode continuar em vigor enquanto o valor da sua ativação muda. É preciso conhecer a dependência antes de ser obrigado a geri-la em rutura.

05

Homenagem não é sucessão.

Cada parte deve saber o que decide e o que promete: o treinador, a direção e quem gere os direitos comerciais.

A Majlis trabalha reputação, posicionamento e desenvolvimento de negócio no futebol, entre a Europa e o Golfo. Se uma destas perguntas é a sua, a conversa começa aqui.

MAJLIS CONSULTANCY · DUBAI

majlisconsultancy.com · linkedin.com/in/andreia-pinto